

A RELAÇÃO ENTRE TRABALHO-NATUREZA E A PRODUÇÃO ARTESANAL EM BARRO NO QUILOMBO PAU FERRO DO JUAZEIRO – CAETITÉ/BA

Bruna da Cruz Santos¹; Ana Elizabeth Santos Alves²

¹Graduada em História pela Universidade Estadual do Estado da Bahia (UNEB). Especialista em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Mestranda em Memória, Linguagem e Sociedade (PPGMLS) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, brunadacruzantoss@gmail.com

² Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pós-doutorado em educação pela Unicamp (2010), Docente do Programa de Pós-graduação em Memória, Linguagem e Sociedade (PPGMLS), anaelizabeth.anamestrado@gmail.com

Introdução

"A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou." — Beatriz Nascimento

A compreensão dos quilombos no Brasil ultrapassa definições históricas restritas e demanda análises sociais, culturais e políticas ao longo do tempo. O Conselho Ultramarino Português, em 1740, reduzia o conceito de quilombo a agrupamentos de pessoas escravizadas fugidas. Kabengele Munanga (1995), entre outros autores, amplia essa noção ao evidenciar tais territórios como espaços de resistência, organização política e reconstrução cultural de territórios africanos aqui no Brasil. Essa tensão conceitual revela não apenas diferentes formas de definir os quilombos, mas também disputas de sentido que ainda hoje impactam a maneira como essas comunidades são reconhecidas, estudadas e vistas socialmente.

Nesse contexto, emerge o seguinte questionamento: de que maneira os saberes artesanais, especialmente o trabalho com o barro, expressam relações entre trabalho, natureza, cultura e resistência em uma comunidade quilombola? A partir dessa questão, torna-se necessário investigar como tais práticas dialogam com as contradições impostas pelo capitalismo, ao mesmo tempo em que preservam saberes ancestrais e formas próprias de organização de vida.

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo analisar as produções artesanais em barro desenvolvidas pela comunidade quilombola Pau Ferro do Juazeiro, tomando por base o Plano Museológico do Museu do Alto Sertão da Bahia (MASB), localizado no município de Caetité, Bahia. Busca-se, ainda, compreender como os saberes do “fazer” artesanal se articulam à relação trabalho-natureza e à construção de identidades, destacando o papel dessas produções na manutenção da memória coletiva e na resistência frente às dinâmicas da sociedade capitalista.

Metodologia

Para alcançar os objetivos desta escrita que será desenvolvida tomando por base uma comunidade quilombola rural do município de Caetité-BA, foi adotado uma abordagem qualitativa.

Conforme pensou Maria Cecília de Souza Minayo (2003), esse tipo de pesquisa busca compreender o universo dos significados, valores e experiências dos sujeitos, não se restringindo à quantificação dos dados.

Como método de análise, utiliza-se o materialismo histórico-dialético, orientado pelas categorias de totalidade, contradição e mediação, permitindo interpretar a realidade social a partir de suas dinâmicas históricas, possibilitando compreender as relações entre trabalho, natureza e os modos de vida dos trabalhadores e trabalhadoras quilombolas de Pau Ferro do Juazeiro.

Resultados e Discussões

Ao refletir sobre a relação trabalho-natureza em Karl Marx (2013), compreende-se o trabalho como uma condição essencial da existência humana: “Uma condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, é uma eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana” (Marx, 2013, pp. 65 – 66).

Nessa perspectiva, o trabalho constitui uma prática ontológica do ser, fundamental à vida humana. Independentemente da organização social, o homem, ao interagir com a natureza, transforma o mundo e atribui novos significados às relações sociais.

No Brasil, marcado por quase quatro séculos de colonização e escravidão, essas relações se estruturam sob profundas desigualdades. Após a abolição, não há uma ruptura, mas uma reconfiguração: indivíduos antes mercantilizados passam a integrar uma lógica de trabalho livre, porém precarizado e marginalizado no capitalismo em formação. Assim, a exploração persiste sob novas formas.

Gostaria de propor aqui a perspectiva segundo a qual a raça, como atributo socialmente elaborado, relaciona-se diretamente com o aspecto... da reprodução das classes sociais [...]. Isto obviamente implica em que as minorias raciais não estão excluídas da estrutura de classes das sociedades multirraciais onde as relações de produção capitalista – ou outras relações, se for o caso – são as dominantes. Mais ainda, o racismo, como articulação ideológica que toma corpo e se realiza através de um conjunto de práticas (isto é, discriminação racial), é um dos principais determinantes da posição dos negros e não-brancos dentro das relações de produção e distribuição [...] (Hasenbalg, 1978., *apud* Martscelli; Silva, 2021, p. 114).

Nesse contexto, Hasenbalg (1978) argumenta que a raça atua como elemento estruturante das classes sociais no Brasil. As populações racializadas não estão à margem, mas inseridas de modo ideológico na dinâmica capitalista, contribuindo para a manutenção das desigualdades, que se organizam também pela divisão racial do trabalho e não somente nele.

Retomando Karl Marx, em “O Capital”, a produção humana só ocorre na relação direta com a natureza. Para Marx (1962), “nada pode criar sem a natureza, sem o mundo exterior

sensível” (Marx, 1962, p. 512). Assim, ao agir sobre a natureza, o homem transforma também a si mesmo.

A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade...” (Marx, 1962, p. 192).

E nessa relação é evidente em comunidades quilombolas, que, embora atravessadas pelo capitalismo, constroem práticas alternativas de produção. Em diversas comunidades, o trabalho coletivo, a solidariedade e a valorização da natureza coexistem com as lógicas do mercado, sem necessariamente se reduzirem a elas.

No Quilombo de Pau Ferro do Juazeiro, a produção artesanal em barro expressa essa dualidade econômica e cultural. Baseada na relação homem-natureza, como aponta Marx (2013), essa prática mobiliza saberes ancestrais e organização coletiva. Fischer e Rodrigues (2022) reforçam que o uso da terra nesses contextos envolve identidade, pertencimento e modos de vida, e não apenas exploração econômica.

“Em síntese, consideramos que a compreensão de modos de produção da vida de povos e comunidades tradicionais encontra-se integrada à de territórios [...] podendo haver [...] relações [...] opostas às de natureza capitalista (Fischer; Rodrigues, 2022, p.13)

Nessa perspectiva, a terra não é mercadoria, mas espaço de vida, memória e resistência. Como afirma Fiabani (2008, p. 28):

A terra é um lugar para plantar e dela extrair os alimentos para o núcleo familiar, ou seja, a terra não tem o significado de capital, bem imóvel, que pode ser vendido, trocado ou penhorado. Por outro lado, a terra é o local onde a comunidade construiu e constrói a sua história. Nessa medida, ela tem um sentido de resistência e de afirmação cultural. Mesmo mudando algumas vezes de local, a comunidade negra construiu sua história e perpetuou sua cultura em determinado território. Este território, esta terra é o ponto de convergência da história da comunidade. É naquele local onde tudo começou. Lutando contra muitas adversidades, as comunidades negras resistiram parcialmente aos apelos do mercado imobiliário de terras e chegaram, ao século XXI, como verdadeiros arquivos vivos que guardam elementos da cultura negra no Brasil. (Fiabani, 2008, p. 28).

A terra, como território de identidade dos quilombolas, reforça sua cultura e demarca as memórias reconstruídas e rememoradas pelos que se fazem pertencentes.

O Plano Museológico do Museu do Alto Sertão da Bahia – MASB (2013), destacou as principais práticas de algumas das comunidades quilombolas do município de Caetité, e a comunidade de Pau Ferro do Juazeiro está entre essas comunidades analisadas. No processo de escrita do Plano os(as) moradores(as) do quilombo pontuaram o artesanato em barro como a principal prática manual daquele coletivo. Segundo relatos orais fixados no documento, o artesanato com o barro foi classificado pela própria comunidade na categoria de “Saberes”. Para os(as) moradores(as) de Pau Ferro, os Artesanatos em Barros se caracterizam especificadamente pelo *modo de fazer*, que envolve técnica e habilidade unicamente produzida por eles enquanto um povo.

Em um dos relatos publicado no Plano Museológico do MASB (2013) uma moradora do quilombo relembra alguns acontecimentos relacionados ao artesanato produzido por eles:

Com base no relato acima é possível identificar que há uma racionalidade econômico-produtiva que se contrapõe ao modo de produção capitalista, afinal, não há uma exploração da natureza segundo a lógica da expansão do próprio capitalismo, embora possam coexistir relações parciais de atravessamentos no momento e necessidade da venda dos artesanatos e na compra de possíveis produtos industrializados para consumo de moradores(as) dessa mesma comunidade.

Outra moradora ainda na relação cultura x Trabalho-natureza complementou: “O barro era cultura do povo, com os problemas da falta de água e seca, parou de fazer. Antes se fazia e levava para fora para vender” (MASB, 2013, p.79), com o exposto foi possível perceber o quão a seca pode ser prejudicial para tais práticas culturais-econômicas produzidas pelas comunidades remanescentes. O relato da entrevistada deixa claro que com a seca, o barro acaba, e a possibilidade de preparo desses utensílios também., o que prejudica a perpetuação de uma prática de trabalho que é geracional.

Assim, as produções artesanais revelam formas de trabalho que articulam sobrevivência, cultura, economia e natureza, sem romper completamente com o metabolismo homem-natureza. Além disso, sustentam a transmissão de saberes entre gerações.

Os modos de produção do artesanato em barro no Quilombo Pau Ferro do Juazeiro são processos coletivos que articulam técnica, saberes geracionais e uma profunda relação entre homem e natureza. Essas práticas evidenciam formas de produção da vida que valorizam o trabalho, o território e os conhecimentos tradicionais, conforme indicado pelo Plano Museológico do MASB.

A produção inicia-se com a coleta do barro, realizada coletivamente em áreas próximas a lagoas ou barrancos, seguida por etapas como seleção, preparo, modelagem, secagem e queima. Todo o processo exige habilidade e experiência, sendo transmitido entre gerações. Além disso, o uso sustentável dos recursos naturais reforça o vínculo com a terra e a continuidade dessas práticas.

Os utensílios produzidos atendem às necessidades cotidianas e podem ser comercializados, garantindo a sobrevivência da comunidade. Mais do que objetos utilitários, carregam valores simbólicos, afetivos e culturais, constituindo parte da memória coletiva.

Nesse sentido, Halbwachs (1990) argumenta que o espaço vivido não é neutro, mas elemento ativo na construção da memória coletiva, ao passo que nas comunidades quilombolas, o território se torna fundamental para a preservação de práticas, identidades e modos de vida, por intermédio do ato de lembrar e se fazer pertencente.

Conclusões

Ao articular a teoria marxista do trabalho como uma prática ontológica e inseparável da natureza, com a realidade histórica e social do Brasil, esta escrita demonstra como a produção artesanal de barro no Quilombo Pau Ferro do Juazeiro é um ato contínuo de resistência e afirmação cultural.

A partir das contribuições dos diversos autores, é compreensível que o processo de produção da vida em uma comunidade quilombola vai além da simples subsistência. Como pontou Karl Marx (2013), o Trabalho é uma prática fundamental e ontológica do ser – Independente de organização social, o homem em ocasionalidade ou necessidade transforma a natureza e o mundo em que vive, atribuindo novos símbolos e significados ao mundo.

O artesanato em barro não foi posto apenas como um produto que se faz, mas ficando como a materialização de um saber-fazer que é geracional, transmitido e ressignificado ao longo de décadas. Ele representa uma oposição consciente ou inconsciente à lógica do capital que explora homens e mulheres a partir de práticas de trabalho.

A luta por terra, a racionalidade ambiental e a organização coletiva dos Quilombolas de Pau Ferro do Juazeiro revelam que, apesar das adversidades impostas pela seca e pela estrutura social, o trabalho-natureza existente no Quilombo é um fundamento de autonomia e de vida, que não somente produz objetos, mas também preserva a dignidade, a cultura e a memória de um povo.

Palavras-chave: Artesanato em barro; Comunidade Quilombola; Trabalho-Natureza.

Referências bibliográficas

Fiabani, Adelmir. **Os Novos Quilombos: luta pela terra e afirmação étnica no Brasil**. Tese (Doutorado em História). Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

Fischer, Maria Clara Bueno; Rodrigues, Doriedson do Socorro. **Relações Seres Humanos-Natureza: Trabalho, Cultura E Produção De Saberes**. 2022, p.26.

Halbwachs, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Scaffter. São Paulo. 1990. 189p.

Martscelli, Danilo Enrico; Silva, Jair Batista da. **Racismo, etnia e lutas de classes no debate marxista**. – SC: Ed. dos Autores, 2021.

Marx, Karl. **O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital**. Tradução: Rubens Enderle. Vol. I. III vols. São Paulo: Boitempo, 2013.

Marx, Karl. **Manuscritos de 1844**. Paris: Editions Sociales, 1962.

Minayo, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

Munanga, Kabengele. **Identidade, Cidadania e Democracia: Algumas Reflexões sobre os Discursos Anti-racistas no Brasil**. 1995.

Museu do Alto Sertão da Bahia (MASB). **Plano Museológico do Museu do Alto Sertão da Bahia: Volume II**. Zanettini Arqueologia, Catavento Energia, Renova Energia, 2013, p.297.